

PERFIL DOS ESTUDANTES E DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À EDUCAÇÃO SUPERIOR: uma análise com estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA.

SANTOS, E. F.¹

SAMPAIO, S. M. R.²

SANTANA, C. M. B.³

RESUMO: Conhecer o perfil dos estudantes da educação superior colabora no acompanhamento das políticas de democratização do acesso e de permanência, além de permitir a identificação de indicadores importantes para gestão das instituições de ensino. O presente artigo tem como objetivo apresentar dados relativos ao perfil dos estudantes em fase de conclusão dos Bacharelados Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia no semestre 2015.2. Apresentamos aqui uma pesquisa realizada a partir de questionário enviado por e-mail ao grupo de estudantes foco do nosso interesse. Os resultados deste estudo corroboram com os achados de pesquisa anterior que indicou uma tendência à elitização do público dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA. Identificamos igualmente a necessidade de garantia e ampliação das oportunidades de assistência ao público estudantil e melhoria de sua formação acadêmica.

Palavras-chave: Educação Superior; Perfil do estudante; Bacharelados Interdisciplinares.

1. Introdução

A identificação do perfil do estudante do ensino superior se mostra relevante, especialmente em contextos onde se adotam políticas com o objetivo de ampliar o acesso a este nível educacional. Conhecer as características dos estudantes pode contribuir para a compreensão dos problemas que eles enfrentam, além de apontar possibilidades de melhoria da gestão educacional.

Sampaio e Santos (2011) observam que, no Brasil, estudos voltados para a caracterização de estudantes ou de aspectos da vida universitária são poucos e o interesse pelo

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade da Universidade Federal da Bahia.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Cumpriu estágio de pós-doutorado na Universidade de Paris 8.

³ Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade pela Universidade Federal da Bahia.

tema é recente. Durante muito tempo a universidade brasileira abrigava estudantes dos setores hegemônicos da sociedade e não se preocupava em orientar suas políticas pelas características do seu público ou daqueles que não adentravam nestas instituições. Uma das primeiras pesquisas nacionais deste campo foi realizada em 1965 pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Com a consolidação do regime militar, no qual as universidades eram vistas como focos de subversão, ocorre uma interrupção no desenvolvimento deste tipo de trabalho. Apenas a partir do ano de 1988 voltam a ser divulgados dados nacionais sobre a educação superior.

As lutas pela expansão de vagas e por mais verbas para a educação conseguem algum avanço apenas nos anos 2000. As mudanças que ocorreram no cenário da educação superior com a reserva de vagas para estudantes de escolas públicas, negros e indígenas, expansão de vagas, interiorização e criação de um novo modelo curricular, os bacharelados interdisciplinares, modificaram o perfil do estudante de graduação através de um processo de democratização, apesar de ainda persistir um sistema de acesso, basicamente, de elite (Sampaio & Santos, 2011).

Ristoff (2014) reconhece a influência da origem social e da situação econômica, na trajetória acadêmica dos estudantes. Estes aspectos devem estar na base das políticas de inclusão dos grupos que tradicionalmente estiveram excluídos da educação superior. O conhecimento das características dos alunos é essencial para o planejamento e auto avaliação das universidades, como ressalta Santana (2013) em trabalho que analisou o perfil de estudantes de cursos noturnos.

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns dados importantes referentes ao perfil de concluintes dos Bacharelados Interdisciplinares (BI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), modalidade de formação superior implantada em 2009. Para tanto, este trabalho se encontra dividido em cinco seções, incluindo esta apresentação. Na segunda seção apresentamos a importância de algumas categorias na análise do perfil dos estudantes na educação superior. Na terceira, é descrito o modelo de formação BI. Na quarta sessão são apresentados os dados de pesquisa referentes aos participantes e, ao final na quinta, as considerações finais.

2. Categorias de análise sobre perfil do estudante da educação superior

Para caracterizar o perfil do estudante da educação superior, algumas categorias de análise merecem destaque. As questões relacionadas à renda familiar têm grande importância, já que os recursos financeiros garantem o acesso à educação de qualidade, em geral, em escolas particulares que direcionam os estudantes para os concorridos processos seletivos das universidades públicas. Este aspecto pode também estar relacionado ao acesso a bens e serviços fundamentais para a permanência nos cursos e colaborar com a conclusão no tempo previsto. Outros aspectos relacionados à família, como nível educacional dos pais e parentes, também são considerados nas análises sobre perfil, pois pessoas próximas tendem a orientar a trajetória dos jovens, em especial, nos momentos da escolha de curso superior e de continuação ou interrupção dos estudos.

A situação de trabalho do estudante também demonstra relevância nas análises que tratam de acesso e permanência na educação superior, pois está relacionada à disponibilidade de tempo e à dedicação aos estudos, além das dificuldades enfrentadas durante a trajetória acadêmica. Esta categoria também é importante nas análises direcionadas especificamente aos cursos noturnos como argumenta Santana (2013), que identifica a predominância de trabalhadores entre os estudantes deste turno. Este fato demanda políticas institucionais que propiciem aos estudantes conciliar o trabalho com o estudo.

O critério cor/raça também é importante nas análises sobre perfil do estudante e desigualdades educacionais, em especial no Brasil. O censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelou que 43,1% dos entrevistados se declararam pardos e 7,6% se declararam pretos⁴. Segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2014), apesar dos avanços ocorridos nos últimos anos, a população negra ainda possui renda *per capita* menor que a dos brancos, a taxa de escolarização inferior e maior percentual de desocupação no mercado de trabalho. A lei 12.711/2012 que instituiu cotas nas Instituições Federais de Educação Superior (IFES), com a reserva de 50% das vagas para estudantes oriundos de escolas públicas, com a consideração da renda familiar e da autotranscrição racial (pretos, pardos e indígenas), se constituiu em um importante marco no processo de ampliação do acesso destas populações ao ensino superior brasileiro. Para Heringer (2014), entretanto, ainda se impõem desafios à inclusão dos afrodescendentes e indígenes que precisam ser superados, um deles está relacionado à permanência dos estudantes cotistas.

⁴ Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 15 ago. 2016

Muitos programas de assistência estudantil têm sido desenvolvidos, mas as dificuldades persistem, o que resulta num reduzido percentual de concluintes.

A categoria idade também merece destaque neste contexto. A idade dos estudantes é um aspecto importante no Plano Nacional de Educação do Brasil (PNE) 2014 -2024 que determinou entre suas metas o aumento da taxa líquida⁵ de matrículas na educação superior, para 33% da população, de 18 a 24 anos (Lei 13.005, 2014) . A taxa líquida do ano de 2014 foi de 17,7%, conforme o site Observatório do PNE⁶. O ingresso na educação superior nesta faixa etária pode indicar a continuidade dos estudos sem maiores interrupções. Os estudantes mais velhos, muitas vezes são também trabalhadores e, tendo o estudo como atividade secundária, tem mais chances de concluir o curso superior com atraso ou até mesmo de evadir.

A categoria sexo também é relevante, pois segundo os dados da última Pesquisa Nacional por Domicílios, divulgada pelo IBGE em 2013, o número de mulheres equivale a 51,4% da população brasileira (Portal Brasil, 2015). Ao discutir a presença de mulheres na educação superior, Borges, Souza e Durães (2010) observam que houve uma ampliação considerável do número de estudantes do sexo feminino a partir do século XX. O resumo técnico do censo da educação superior (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2015) indica que a participação percentual do sexo feminino nas instituições públicas é bem alta nas áreas de “Saúde e Bem-Estar Social” (72,0%), “Educação” (64,4%) e “Serviços (59,7%).

Outras variáveis como local de moradia, estado civil, acesso a oportunidades na trajetória acadêmica, entre outras, também são consideradas nos estudos sobre perfil e ganham maior evidência, a depender da análise a ser realizada. Para este artigo foram selecionadas algumas variáveis socioeconômicas e acadêmicas para caracterizar o perfil dos prováveis concluintes dos BI da UFBA.

3. Os Bacharelados Interdisciplinares da UFBA

Ao discutir a necessidade de mudanças no modelo de educação superior no Brasil, Castro (2011) reconhece a importância de que as instituições de ensino disponibilizem para os estudantes o conhecimento básico, fundamental para qualquer ocupação. A educação superior não pode se restringir apenas aos conhecimentos especializados de determinada profissão, é necessário aproximar os estudantes dos conhecimentos de bases científica e humanística além

⁵ A “taxa de escolarização líquida” indica o percentual da população em determinada faixa etária que se encontra matriculada no nível de ensino adequado à sua idade.

⁶ <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/12-ensino-superior/indicadores>

de desenvolver a capacidade de adaptação a mudanças. Além dos aspectos sinalizados por este autor, a formação geral contribui com a uma melhor adaptação do estudante na transição entre o nível educacional médio e o superior e propicia uma interação com as diversas áreas do conhecimento, o que colabora com o seu amadurecimento para a escolha de uma futura profissão.

A inclusão da UFBA no Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), instituído pelo Decreto 6.096, de 24 de abril de 2007, surgiu como uma oportunidade para realização da reestruturação do ensino de graduação através de uma nova arquitetura curricular. O Bacharelado Interdisciplinar (BI) se constitui em uma primeira etapa da formação superior, parte de um regime de três ciclos, preparatória para a formação profissional e acadêmica. A partir do ano de 2009, a UFBA passou a oferecer quatro opções de cursos de Bacharelado Interdisciplinar: Ciência e Tecnologia, Humanidades, Artes e Saúde (UFBA, 2008). Atualmente são oferecidas 1300 vagas nos quatro cursos.

O currículo dos BI tem como pontos norteadores: a autonomia do sujeito em relação ao seu processo de aprendizagem, a flexibilidade em relação aos currículos, a articulação entre os campos do saber, atualização dos programas para se adequar às inovações e a inclusão das três culturas (artística, científica e humanística). A formação proposta pelos BI é de base interdisciplinar e a perspectiva curricular flexível possibilita a mobilidade acadêmica e o intercâmbio interinstitucional (Parecer CNE/CES nº 266/2011, 2011).

O BI corresponde a uma formação superior plena, por este motivo o egresso, ao final do curso, pode continuar seus estudos ingressando em um curso de progressão linear, com foco em determinada profissão, assim como pode ingressar em um curso de pós-graduação ou buscar a inserção no mercado de trabalho. Vale ressaltar que são reservadas no mínimo 20% das vagas de todos os cursos da UFBA para egressos dos BI, a serem preenchidas através e processo seletivo próprio.

A recente implantação dos Bacharelados Interdisciplinares vem ensejando a realização de pesquisas visando acompanhar a consolidação deste modelo de formação superior. Silveira, Dantas e Sampaio (2015) apresentaram um estudo de acompanhamento do perfil socioeconômico dos ingressantes nos BI da UFBA do ano de 2010 a 2014. Estes cursos, nos seus primeiros anos, atraíam jovens estudantes, negros, trabalhadores, oriundos de escolas públicas e de renda na faixa de até três salários mínimos. Era expressivo também o número de estudantes com faixa etária acima de 30 anos, casados e com filhos. Porém no decorrer dos anos analisados, a representação destes grupos sofreu uma redução. A faixa de renda de até

três salários mínimos também diminuiu, apesar de ter continuado predominante. Foi identificada uma tendência à elitização com a consolidação desta modalidade de curso, que passou a atrair estudantes de nível socioeconômico privilegiado. Em um contexto onde foram implantadas políticas de democratização do acesso ao ensino superior, as autoras consideram a necessidade de acompanhar esta questão.

Numa perspectiva de dar continuidade aos estudos que buscam acompanhar os estudantes bacharelados interdisciplinares da UFBA foi realizado um *websurvey* com os estudantes em fase de conclusão do curso no semestre 2015.2. De um universo de 621 estudantes, participaram 178 universitários dos quatro BI, o que corresponde a 28,7%. A divisão dos participantes por curso pode ser vista na tabela 1.

Tabela 1: Percentual de participantes por curso.

Cursos BI	Percentual %
Humanidades	32,0
Ciência e Tecnologia	29,2
Saúde	28,1
Artes	10,7
Total	100,0

Fonte: elaborado pelas autoras

O instrumento utilizado foi composto por 55 questões fechadas e uma aberta, divididas em duas seções. Na primeira, que compõe o objeto de análise deste trabalho, se buscava compreender o perfil socioeconômico, alguns aspectos relacionados à assistência estudantil e oportunidades vivenciadas na trajetória acadêmica; e a segunda seção focou em aspectos relacionados à percepção sobre as condições do processo formativo. A seguir são apresentados aspectos do perfil socioeconômico e acadêmico dos estudantes participantes.

4. O perfil dos participantes prováveis concluintes dos BI.

Entre os estudantes participantes da pesquisa, a maioria estava matriculada nos cursos noturnos, 65,7 %. Os estudantes do diurno correspondiam a 34,3% dos respondentes.

Tabela 2: Percentual de participantes por turno.

Turno	Percentual %
Noturno	65,7
Diurno	34,3
Total	100,0

Fonte: elaborado pelas autoras

Quanto ao estado civil, 82% do grupo é composto por solteiros, 15,2% casados ou que vivem em união estável e 2,8% se declararam separados ou viúvos.

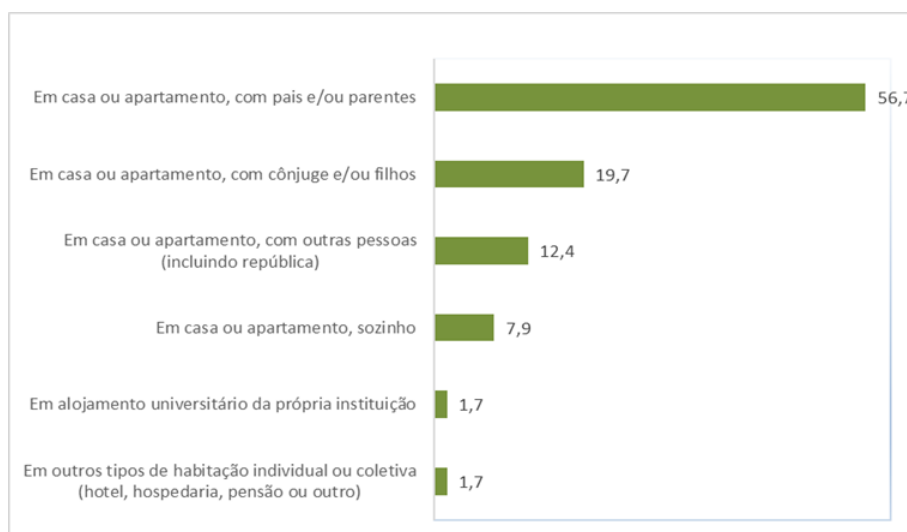
Tabela 3: Estado civil dos participantes (em percentuais).

Estado civil	Percentual
Solteiro(a)	82,0
Casado(a)/ união estável	15,2
Separado(a)/ divorciado(a) ou viúvo	2,8
Total	100,0

Fonte: elaborado pelas autoras

A questão da dependência familiar fica evidenciada ao se observar que 56,7% dos participantes, de todos os cursos, moram com os pais. Aqueles que moram com cônjuge e/ou filhos correspondem a 19,7%. Dos respondentes, 12,4% moram com outras pessoas e 7,9% moram sozinhos e 1,7% apenas residem em alojamento universitário e 1,7% moram em outros tipos de habitação como hospedaria, pensão ou outros (Figura 1).

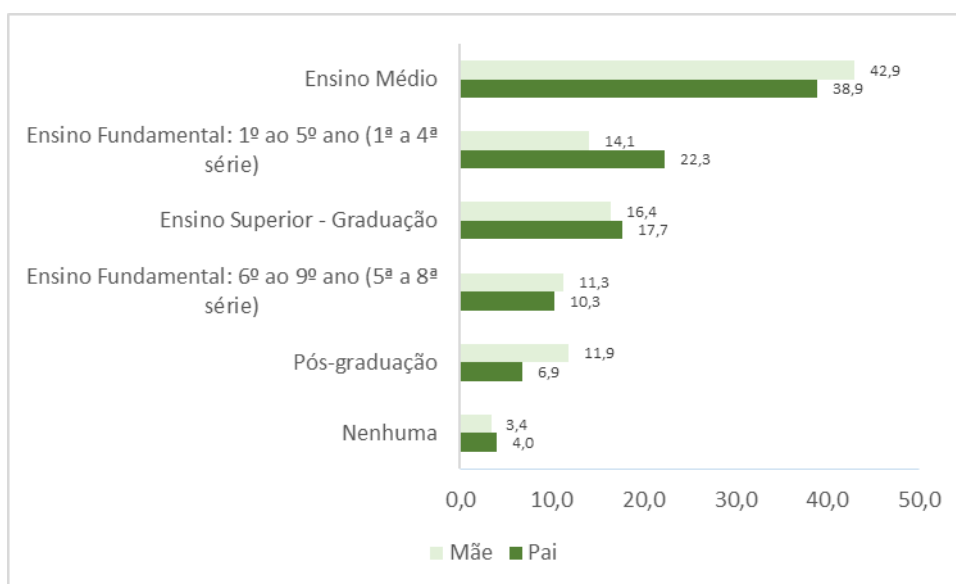
Figura 1: Local de moradia dos participantes (em percentuais).



Fonte: elaboração das autoras

Em todo o grupo de estudantes pesquisado, a maior parte dos pais tem até o ensino médio completo, 42,9 % dos pais e 38,9% das mães (Figura 2). O percentual de mães com pós-graduação, 11,9%, contra 6,9% dos pais indica um maior investimento das mulheres em uma educação prolongada. Porém, é significativo o percentual de pais e mães que estudaram apenas até o 5º ano, 22,3% e 14,1% respectivamente.

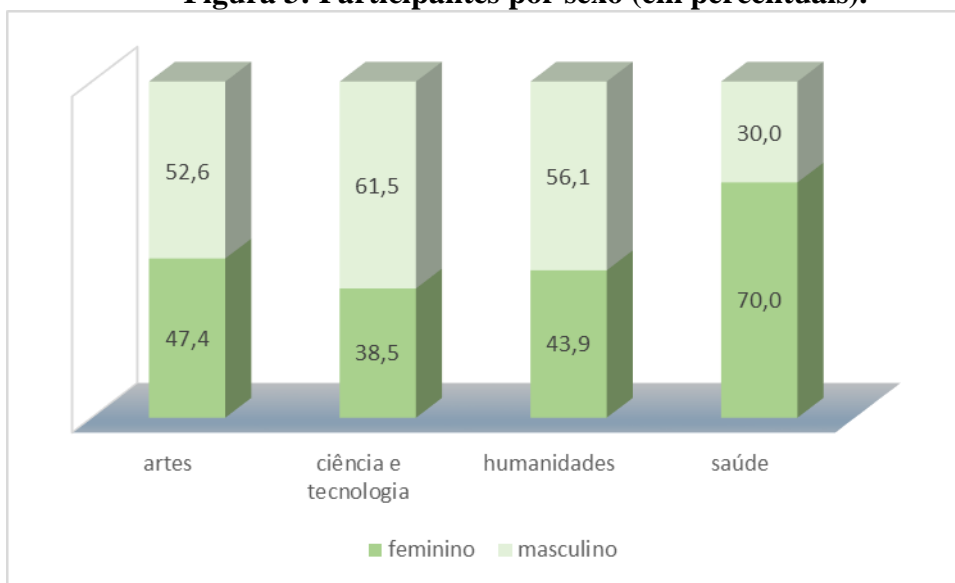
Figura 2: Escolaridade dos pais dos participantes (em percentuais).



Fonte: elaboração das autoras

Quanto ao sexo, a proporção entre os participantes foi equilibrada, porém, ao segmentarmos esta variável por curso, pode-se perceber a concentração de mulheres no BI em Saúde (Figura 3). Este percentual (70%) confirma as constatações do INEP (2013), que indicam o direcionamento de pessoas do sexo feminino para cursos desta área.

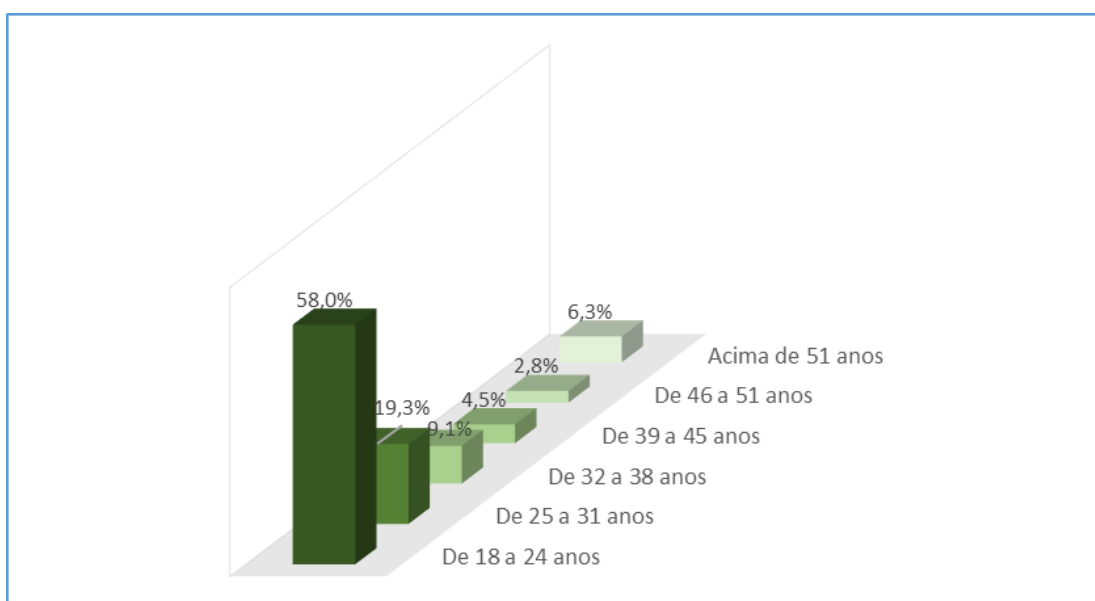
Figura 3: Participantes por sexo (em percentuais).



Fonte: elaborado pelas autoras

Quanto à idade, percebe-se que a grande maioria dos participantes é jovem e se encontra na faixa etária de 18 a 24 anos, como pode-se observar na Figura 4. Este é um fator positivo, se lembrarmos que a meta do PNE 2014/2024 é aumentar de 34,2% para 50,0% o percentual da população de 18 a 24 anos na educação superior. Entretanto, ao se considerar a pesquisa de Silveira et al. (2015), que observou que os BI permitiam o acesso de pessoas que, quando jovens, não tiveram a possibilidade de cursar uma universidade pública, este percentual indica que os adultos tiveram reduzida esta oportunidade.

Figura 4: Faixa etária dos participantes (em percentuais)

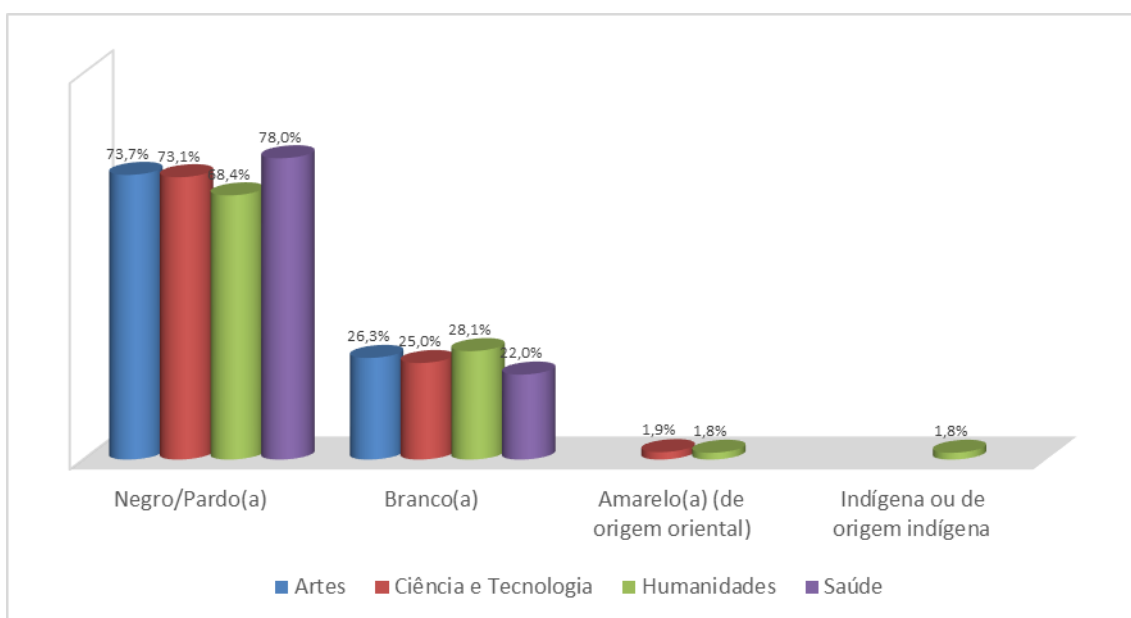


Fonte: elaborado pelas autoras

Merece destaque, o percentual de 6,3% de estudantes com idade maior que 51 anos. Este público busca, na universidade, novas perspectivas profissionais, satisfação pessoal e até mesmo manter-se em atividade. Os estudantes mais velhos podem passar por dificuldades de adaptação e o apoio institucional pode ser importante neste processo.

Quanto ao questionamento referente à autodeclaração de cor, as categorias utilizadas foram as seguintes: pardo/mulato, branco, negro e amarelo ou de origem oriental e indígena, ou de origem indígena. Quando agrupadas as categorias negro e pardo (Figura 5) observa-se que este grupo constitui a grande maioria dos participantes, e o percentual é superior àquele verificado através do censo do IBGE a respeito da representação deste grupo na população brasileira. Em relação aos indígenas, percebe-se um percentual muito limitado, com estudantes apenas no curso de humanidades. Este fato requer atenção da instituição para identificar os empecilhos para o acesso e permanência deste grupo populacional na universidade.

Figura 5: Distribuição percentual de participantes por cor/raça, agrupadas as categorias negro e pardo (por curso).

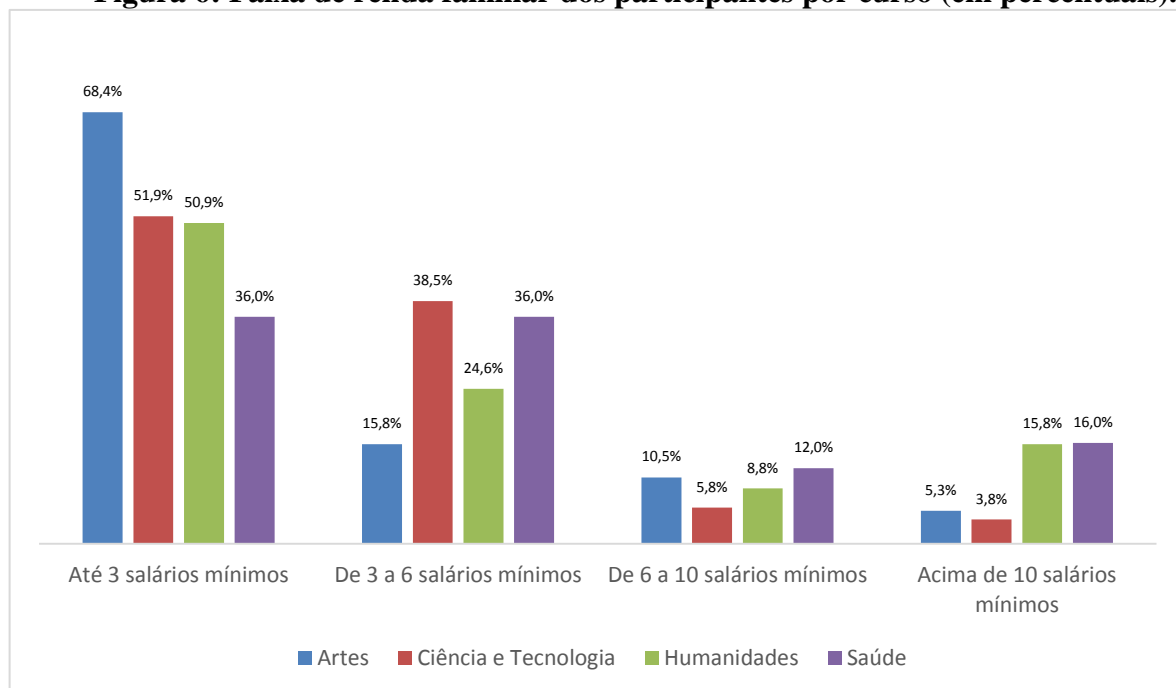


Fonte: elaborado pelas autoras

A Figura 6, abaixo, apresenta a renda familiar dos participantes, por curso. A faixa de renda de até três salários é a que apresenta o maior número de estudantes. Percebe-se que o BI

em Artes concentra o percentual de pessoas com menor renda. Os BI em Humanidades e em Saúde possuem os maiores percentuais de estudantes com renda acima de 10 salários mínimos, 15,8% e 16,0% respectivamente. O motivo para estes percentuais pode estar relacionado à possibilidade de acesso a cursos de alta concorrência como Direito e Medicina.

Figura 6: Faixa de renda familiar dos participantes por curso (em percentuais).

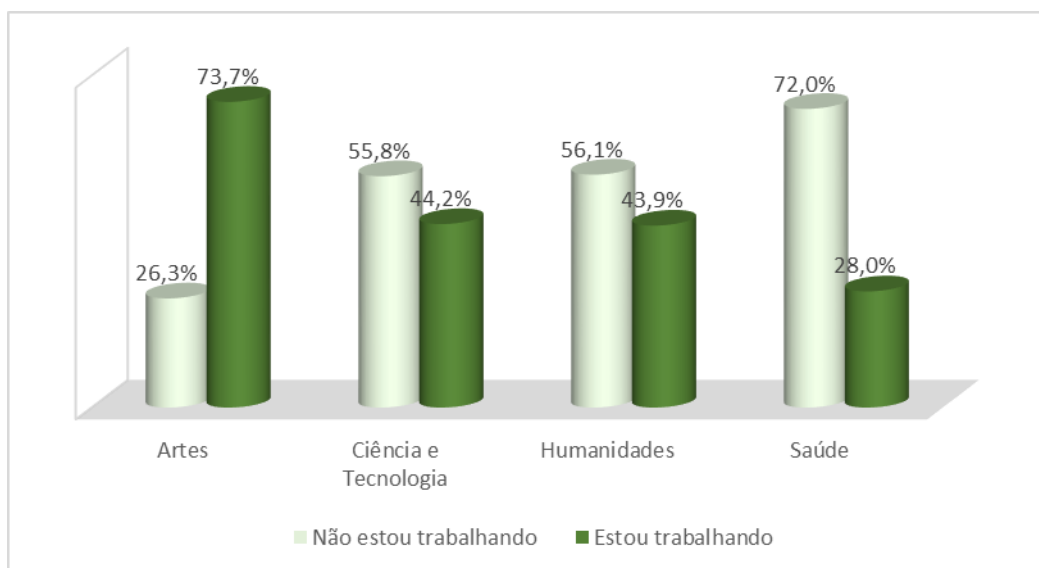


Fonte: elaborado pelas autoras

Sobre a situação de trabalho, os dados da Figura 7 agrupam aqueles que desenvolvem algum tipo de trabalho e aqueles que não exercem função remunerada, que são exclusivamente estudantes. Foi encontrada uma associação significativa entre as pessoas que declararam estar trabalhando e as que não estão⁷, na comparação entre o BI em Artes e os demais cursos. Entre os concluintes dos BI em Saúde, Ciência e Tecnologia e Artes, predominam aqueles que não trabalham.

⁷ Teste de associação de Qui-Quadrado ($\chi^2 = 11,952$; $p = 0,008$)

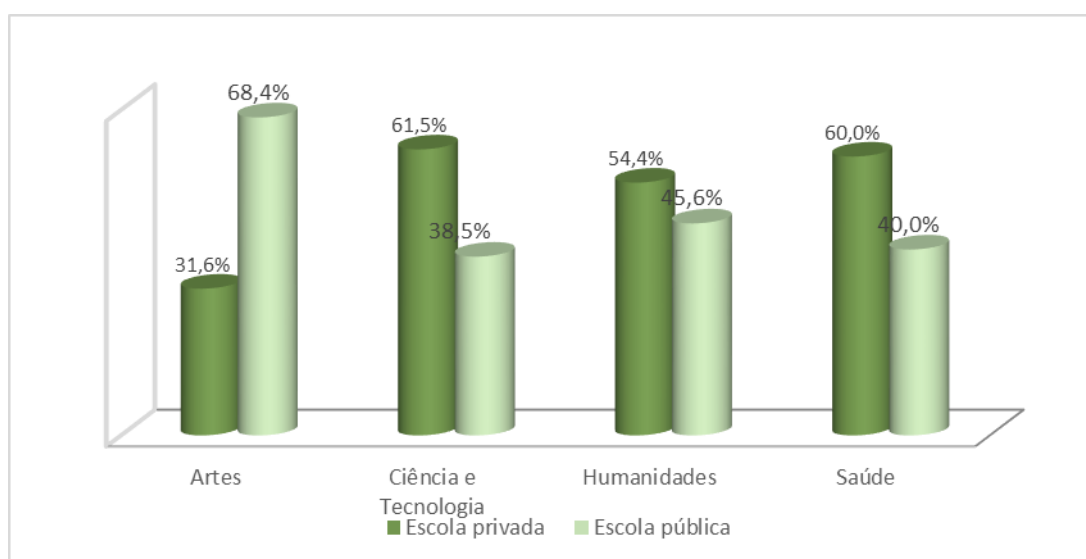
Figura 7: Situação de trabalho dos participantes por curso (em percentuais)



Fonte: elaborado pelas autoras

Quanto à origem escolar (Figura 8) pode-se perceber que o percentual de estudantes oriundos de escolas públicas é superior apenas no curso de Artes. Nos demais predominam aqueles que estudaram em escolas particulares.

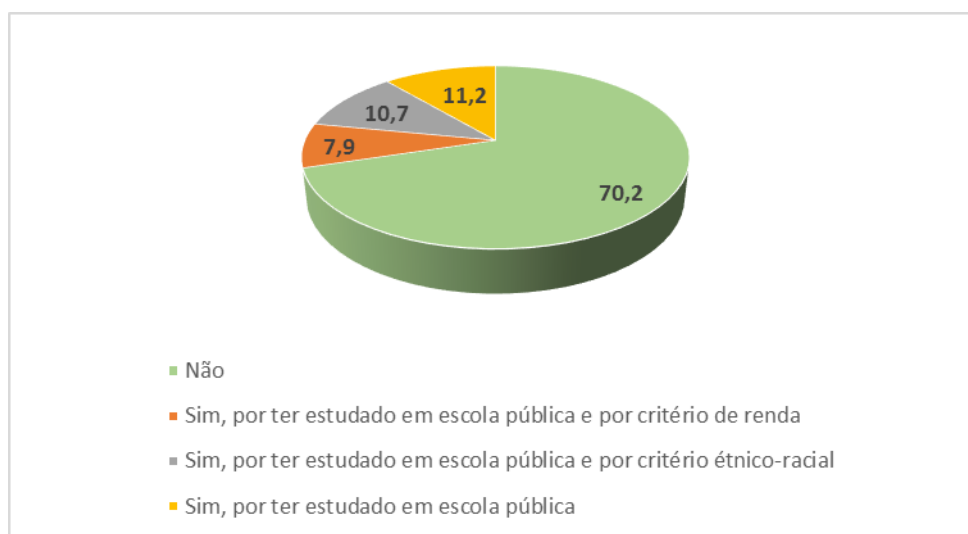
Figura 8: Origem escolar dos participantes por curso (em percentuais)



Fonte: elaborado pelas autoras

Ao considerarmos que os participantes desta pesquisa são concluintes e que, as cotas permitem um ingresso mais equilibrado entre estudantes das redes pública e privada, pode-se pensar que existem obstáculos à permanência dos estudantes da rede pública. O grupo de participantes do BI em Ciências e Tecnologia, por exemplo, possui o menor número de estudantes de escolas públicas 38,5% e isto pode ser gerado pelas deficiências no aprendizado de disciplinas básicas da área de exatas, que não conseguem ser superadas no decorrer do curso. Com exceção do curso de Artes, os BI em Humanidades, Saúde e Ciências e Tecnologia possuem concluintes que, em sua maioria são oriundos de escola particular e que não trabalham. Pela análise destes aspectos, pode-se perceber que os estudantes destes cursos confirmam tendência de elitização indicada no estudo de Silveira et al. (2015). O percentual de participantes desta pesquisa que ingressaram por meio do sistema de cotas, que relaciona variáveis de origem escolar, renda e critério étnico racial (Figura 9), evidencia esta situação:

Figura 9: Participantes ingressos por meio de ações afirmativas (em percentuais).



Fonte: elaborado pelas autoras

Dos participantes da pesquisa apenas 29,8% informaram ter ingresso por meio das ações afirmativas. Este percentual pode indicar, além das dificuldades encontradas no acesso, a existência de obstáculos à permanência dos estudantes cotistas.

Quanto ao recebimento de auxílio permanência (alimentação, moradia, creche, transporte) durante o curso, 9,6% dos participantes foram beneficiados.

Tabela 4: Participantes que receberam auxílio permanência (em percentuais).

Auxílio permanência	Percentual %
Não recebeu auxílio	90,4
Auxílio Transporte	2,8
Auxílio moradia e alimentação	2,2
Auxílio moradia	2,2
Auxílio alimentação	1,1
Auxílio Permanência	0,6
Creche	0,6
Total	100,00

Fonte: elaborado pelas autoras

Se considerados o percentual de estudantes cotistas e o elevado percentual de estudantes com renda familiar de até três salários mínimos, são poucos os beneficiados pelas ações de assistência estudantil. Como Heringer (2014) identifica, a ampliação da assistência estudantil é desafio a ser enfrentado nas instituições públicas de educação superior. O contexto atual, de limitação orçamentária, agrava esta situação.

Dos estudantes que responderam o questionário de pesquisa, 35,4% alegaram ter recebido algum tipo de bolsa acadêmica, como de extensão (6,2%), de Iniciação Científica (15,2%), monitoria/tutoria (12,9%), Permanecer e estágio não obrigatório, ambos com menos de 1% (0,6% cada). Mais da metade, 64,6% dos participantes, não receberam bolsas.

Tabela 5: Participantes que receberam algum tipo de bolsa acadêmica (percentual).

Bolsas acadêmica	Percentual %
Não recebeu bolsa	64,6
Bolsa de iniciação científica	15,2
Bolsa de monitoria/tutoria	12,9
Bolsa de extensão	6,2
Bolsa Permanecer	0,6
Estágio não obrigatório	0,6
Total	100,0

Fonte: elaborado pelas autoras

A oportunidade de participar de atividades extraclasse é enriquecedora para a formação dos estudantes. Como a pesquisa e a extensão são elementos centrais na missão das universidades, são necessários investimentos para que cada vez mais estudantes tenham acesso a estas atividades.

Apenas 12 dos 178 dos participantes da pesquisa (6,8%) informaram ter participado de atividades no exterior, enquanto 93,3% não participaram.

Tabela 6: Participantes que estiveram em programas e/ou atividades no exterior (em percentuais).

Atividade no exterior	Percentual %
Não realizou atividade	93,3
Bolsa de monitoria/tutoria	1,7
Outro tipo de bolsa acadêmica	1,7
Bolsa de iniciação científica	1,1
Ciências Sem Fronteiras	1,1
Curso de idiomas	0,6
Estágio	0,6
Total	100,00

Fonte: elaborado pelas autoras

Considerando que o intercâmbio interinstitucional era uma diretriz estratégica no Plano de Desenvolvimento Institucional (UFBA, 2012) e que a mobilidade acadêmica é um dos princípios norteadores dos Bacharelados Interdisciplinares e Similares, este número parece ser bastante restrito. Na configuração da política e situação orçamentária atual, onde está prevista a reformulação das regras de um importante programa de mobilidade acadêmica internacional com a redução do número de bolsas de estudos para estudantes de graduação, este número tende a se estagnar e até mesmo reduzir.

5. Considerações finais

Entre os estudantes dos BI da UFBA participantes desta pesquisa prevaleceram, na maioria dos cursos, os jovens de idade até 24 anos, oriundos de escolas privadas e que não estão trabalhando. Estes aspectos confirmam a tendência à elitização dos cursos, que está recebendo estudantes que recebem um maior suporte para acessar e concluir os cursos. Por outro lado, é grande o percentual de estudantes pretos e pardos e de estudantes com renda de até três salários mínimos, o que demonstra o impacto das políticas de democratização, que permitiram avanços, embora não tenham modificado completamente o perfil dos estudantes da UFBA. O percentual de participantes que receberam algum tipo de auxílio permanência

parece restrito, assim como o percentual daqueles que tiveram acesso a oportunidades como bolsas acadêmicas e atividades no exterior. Em um contexto em que se discute a limitação dos gastos públicos, é necessário que as universidades se posicionem em um movimento de resistência contra cortes que podem prejudicar a continuidade das ações e programas que promovem o acesso, a permanência e maiores oportunidades formativas para os estudantes.

Referências

- Borges, K., Souza, M. H., & Durões, S. J. (2010). Mulheres na educação superior no Brasil: estudo de caso do curso de Sistema da Informação da Universidade Estadual de Montel Claros (2003/2008). *Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência Tecnologia e Gênero*. Curitiba.
- Castro, C. d. (2011). Educar para o ofício ou educar para mudar de ofício? *Revista Ensino Superior*(03), 29-39. Disponível em http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03_junho2011/ed_03_junho2011_artigo_reforma.php
- Heringer, R. (2014). Desafios para a promoção da igualdade racial na educação brasileira. *Seminário Nacional de Educação Profissional e Tecnológica*. Belo Horizonte.: CEFET-MG.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2015). *Resumo técnico - Censo da Educação Superior 2013*. Brasília: INEP.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2014). *Situação social da população negra por estado*. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Brasília.
- Lei 13.005* (2014, 25 de junho). Dispõe sobre o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024. Brasília. MEC.
- Parecer CNE/CES nº 266/2011*. (2011, 14 de outubro). Referenciais orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares das Universidades Federais. Brasília. MEC. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8907-pces266-11&category_slug=setembro-2011-pdf&Itemid=30192
- Portal Brasil. (05 de julho de 2015). *Mulheres são maioria da população e ocupam mais espaço no mercado de trabalho*. Disponível em : <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/mulheres-sao-maioria-da-populacao-e-ocupam-mais-espaco-no-mercado-de-trabalho>
- Ristoff, D. (novembro de 2014). O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. *Avaliação*, 19(3), 723-747.
- Sampaio, S. M., & Santos, G. G. (2011). Estudos sobre a vida estudantil como suporte para a gestão universitária na área acadêmica e da assistência. *CONFERÊNCIA DO FÓRUM GESTÃO ENSINO SUPERIOR NOS PAISES E REGIÕES DE LÍNGUA*

PORTUGUESA (pp. 01-15). Lisboa e Coimbra: Forges. Disponível em http://www.forumgestaoensinosuperior2011.ul.pt/docs_documentos/15/paineis/04/ggs_smrs.pdf

Santana, C. M. (2013). *A caminho da democratização na UFBA, o novo aluno dos cursos noturnos*. (Dissertação de Mestrado) Instituto de Humanidade, Artes e Ciências Milton Santos. Universidade Federal da Bahia. .

Silveira, O. M., Dantas, L., & Sampaio, S. M. (2015). Democratização x elitização: uma análise dos BI da Universidade Federal da Bahia. *Livro de atas do I Congresso da Associação Internacional das Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa* (pp. 8197-8211). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Universidade Federal da Bahia (2008). *Projeto Pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares*. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos, Salvador. Disponível em https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/implant_reuni.pdf

Universidade Federal da Bahia (2012). *Plano de Desenvolvimento Institucional 2012-2016*. Disponível em https://www.ufba.br/sites/devportal.ufba.br/files/pdiufba_2012-16_0.pdf